



Noticiário Tortuga

a ciência e a técnica a serviço da produção animal

Cinquentenário da imigração japonesa

A TORTUGA se congratula com a laboriosa colônia japonesa

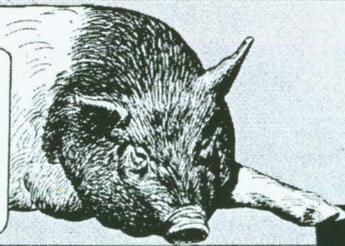


Ao se comemorar 50.^o aniversário da imigração japonesa, a TORTUGA externa sua profunda admiração pelos filhos do grande país; grande pelos feitos, pelas realizações e trabalho de seu povo.

Nestes 50 anos que se passaram, souberam os integrantes de tão esplêndida colônia se impor à confiança e consideração de todos os brasileiros. Conquistaram, através de seu trabalho, disciplina e inteligência, o coração e o respeito do Brasil, que lhes abriu, indiscriminada e justamente, tôdas as portas de acesso a sua inteira assimilação.



Lucros e perdas na criação de porcos



suínos

Dr. F. FABIANI

A maior parte dos suinocultores ainda não possui uma escrituração capaz de controlar o custo da produção do porco nas diversas idades, razão por que frequentemente são surpreendidos por prejuízos inesperados.

Parece-nos, então, interessantes os dados abaixo, fundamentados em experiências que realizamos, não só em plantéis por nós controlados, como em lotes de nossa criação experimental. Pensamos, assim, fornecer elementos reais e práticos, suficientes para orientar o criador no cálculo do custo de produção do porco.

1) **CRIAÇÃO** — Trocando idéias com um criador, informou-nos ele que vendia seus leitões mestiços de Hampshire com Duroc, com oito a 10 kg de peso vivo, por Cr\$ 35,00 o quilo. Obtinha, então, o preço de Cr\$ 280,00 a Cr\$ 350,00 por cabeça, o que reputava ótimo negócio. Aproveitamos a oportunidade para perguntar-lhe qual o preço de custo de seus leitões. Disse-nos que pensava ser **mais ou menos a metade do preço de venda.**

Puro engano. Completamente diferente é a realidade, como a seguir veremos.

Com efeito, desprezando as despesas com a criação da porca até a primeira parição, aquelas com os cachacos, mão de obra, amortização do capital em instalações, juros etc. e computando apenas o custo anual da alimentação da porca, teremos:

a) **Peso de alimento consumido por ano** — 1.095 quilos — pois gastamos três quilos diários de alimento, o que dá: $3 \times 365 = 1.095$ kg;

b) **Custo da alimentação por ano** — Cr\$ 4380,00 —

Idade em dias	Aumento diário	Aumento por mês	Consumo de Alimento por kg de peso ganho	Consumo de Ração por mês
60 a 90	300 gr	9.000 kg	3.000 kg	27.000 kg
90 a 120	400 gr	12.000 kg	3.400 kg	40.80 kg
120 a 150	500 gr	15.000 kg	3.700 kg	55.50 kg
150 a 180	650 gr	19.500 kg	4.200 kg	81.90 kg
Aumento Total		55.500 kg	Consumo total de ração	205.20 kg
Custo do quilo de peso ganho — Cr\$ 14,78				

O preço de Cr\$ 14,78 facilmente se obtém pela análise dos dados acima, os quais nos mostram que 205,20 quilos de ração produziram 55,50 kg de peso vivo, donde se conclui: $205.200 \text{ kg} \times \text{Cr\$ } 4,00 = \text{Cr\$ } 820,80 = \text{despesa para } 55,50 \text{ kg e } \text{Cr\$ } 820,80 \div 55,50 = \text{Cr\$ } 14,78 = \text{custo do quilo de peso ganho.}$

3) **ENGORDA** — É a fase em que o ganho de peso custa mais. Para se conseguir um bom resultado econômico neste período, os porcos devem ser remetidos ao matadouro, no máximo, com 120 quilos. Se o suinocultor insistir em porcos com peso superior, terá prejuízo, porque, com o atual preço das rações e pela cotação da

carne no mercado, o custo do quilo atingirá ou ultrapassará o preço de venda.

isto é, 1.095 kg de alimento, a Cr\$ 4,00, totalizam: Cr\$ 4.380,00.

c) **Custo do leitão, considerando-se só o alimento consumido pela porca** — Cr\$ 365,00 — Assim, duas é a média de parições em 14 meses e sete aquela de leitões em cada uma, segue-se que a criadeira produz para seu dono 14 leitões em 14 meses, o que corresponde a 12 leitões por ano. Portanto, dividindo-se o custo anual da alimentação da porca por 12, obteremos Cr\$ 365,00 (Cr\$ 4.380,00 \div 12), ou seja o custo do leitão, em função apenas do alimento consumido pela porca.

Custo real do leitão ao nascer — Cr\$ 401,50 — Somando-se aos Cr\$ 365,00, as demais despesas acima lembradas, as quais representam pelo menos 10% do referido custo, chegaremos a Cr\$ 365,00 + Cr\$ 36,50 = Cr\$ 401,50, isto é, o custo real do leitão ao nascer.

O valor de Cr\$ 4,00, atribuído ao quilo de alimento, representa a média do custo de todos os alimentos consumidos, incluindo-se ração farelada, raízes, forragens verdes etc. O consumo médio de três quilos diários foi calculado transformando as forragens verdes e volumosas da fazenda em seu equivalente de ração farelada.

2) **CRESCIMENTO** (4 meses) — Corresponde ao período em que o porco produz o quilo de peso vivo pelo menor custo.

Desde o desmame, aos dois meses de idade e com o peso médio de 15 quilos, até atingirem 60-70 kg, peso que marca o fim da fase de crescimento e o início daquela de engorda, os leitões acusam o crescimento e a despesa detalhados no quadro abaixo:

Como vimos, os nossos mestiços de Hampshire e Duroc contam seis meses de idade e estão com 70 kg, no final da fase de crescimento (15 kg ao desmame mais 55 da fase de crescimento).

O custo neste momento sobe a:

Leitão ao nascer	Cr\$ 401,50
Despesa até o desmame	Cr\$ 100,00
Fase de crescimento (4 meses)	Cr\$ 820,80
TOTAL	Cr\$ 1.322,30

1.º mês de ceva — Recebendo ração à vontade, aumentaram em média 800 gr por dia, ou seja, 24 kg por mês, os quais, somados ao peso anterior, lhes deram 94 kg de peso vivo no fim do 7.º mês.

O consumo foi de 4.700 kg de alimento por quilo de peso ganho.

2.º mês de ceva — Durante este mês aumentaram, também, 800 gr diárias, ou 24 kg ao todo: o que elevou

o seu peso total para 118 kg, no fim do 8.º mês. Contudo, o consumo de alimento, por quilo de peso ganho, passou para 5.200 kg.

Neste momento, isto é, com 118 kg, os porcos devem ir para o matadouro.

Nesta fase, o preço de custo do quilo de peso ganho é de Cr\$ 19,80, conforme demonstra o cálculo abaixo:

a) Ração gasta durante o 1.º mês — 4.700 kg	$\times 24 = 112.800$ kg
Ração gasta durante o 2.º mês — 5.200 kg	$\times 24 = 124.800$ kg
Total de ração	237.600 kg
b) Valor da ração gasta: 237.600 kg \times Cr\$ 4,00	= Cr\$ 950,40
c) Quilos ganhos durante os 2 meses: 24 + 24	= 48 kg
d) CUSTO DO QUILO DE PESO GANHO: Cr\$	950,40 \div 48 = Cr\$ 19,80

Como dissemos, além deste peso a ceva torna-se anti-econômica, à vista do ganho de peso e do consumo de ração. O aumento médio diário diminuirá progressivamente, passando de 800 a 500 gr, depois de 40 a 50 dias. Ao passo que o alimento necessário subirá rapidamente, atingindo, em porcos de 160 kg, a 8 quilos para cada quilo de peso vivo.

É evidente, então, que o criador, nesta altura, passou os limites do econômico e penetrou em um período da vida do porco francamente anti-econômica e que lhe poderá apenas acarretar prejuízo.

Outra não pode ser a conclusão, porque o quilo lhe custara nada menos que Cr\$ 32,00, ou seja mais que o preço de venda.

* * *

Como frizamos no início destas notas, as cifras acima são todas resultantes de experiências que realizamos em plantéis por nós orientados e em lotes de nossa criação experimental. Deve-se ter em mente que, nos últimos meses, o custo das rações subiu sensivelmente e que, portanto, para prevenir déficit, o criador deve usar a maior quantidade possível de produtos da fazenda.

Nas experiências usamos vitaminas e minerais TORTUGA, que nos permitiram satisfatória percentagem de aproveitamento da ração, na fase de crescimento. Durante a engorda, empregamos SUPERSUIGOLD, de mistura com raiz de mandioca.

SRS. CRIADORES DE PORCOS

A "TORTUGA", colaborando sempre para o progresso zootécnico de nossos rebanhos, amplia agora a sua linha de produtos. Apresenta, assim, depois das necessárias comprovações experimentais, a maneira mais fácil e econômica de criar e engordar porcos.

SUPERSUIGOLD K₁

SUPERCONCENTRADO PROTEICO — VITAMINICO — MINERAL
1 kg de Supersuigold K₁ + 6 kg de raiz de mandioca = 1 kg de porco

A SEÇÃO TÉCNICA DA TORTUGA está sempre à disposição dos Srs. Criadores de porcos para balancear as rações, usando o máximo possível de produtos da fazenda.



SAIS MINERAIS E VITAMINAS "TORTUGA"

A PECUÁRIA NAS FAZENDAS DE CAFÉ



bovinos

GUIDO GATTA

(Assistente técnico da TORTUGA)

Poucas são as fazendas de café que não possuem seu rebanho de gado, pois o estêrco ainda é parte indispensável da adubação. Infelizmente, porque mantido principalmente para a obtenção de estêrco, o gado é relegado a plano secundário. Todos os cuidados são dispensados ao café, ficando o trato do plantel dependente do lucro por ventura obtido da rubiácea. Quando este lucro é ponderável, olha-se um pouco para os infelizes produtores de adubo orgânico; quando não, esquecem-se até as mais elementares necessidades do plantel. Na verdade, não é geral prática tão condenável, porquanto, existem cafeicultores que são exímios criadores. Contudo, uma boa parte, dominada por rotina de muitos anos, não percebe as grandes vantagens econômicas que poderia obter de um rebanho tecnicamente mantido. Vantagens, perante as quais, aquela da obtenção do estêrco torna-se de significado bastante reduzido.

Veja-se, por exemplo, como são conduzidas a avicultura e a suinocultura nas fazendas de café. As aves e porcos são explorados, nessas propriedades, com o mesmo objetivo — produção de estêrco — e, no entanto, vemo-los criados dentro da mais moderna técnica; o cafeicultor assim procede procurando tirar o maior rendimento possível. É provável que muitos caiam no extremo de negar, aos seus rebanhos bovinos, o indispensável para transformá-los em vantajosa fonte de renda, pelo fato de ser a bovinocultura extensiva, mesmo quando tecnicamente conduzida, muito mais simples que a avicultura ou a suinocultura racional.

Por isso tudo, não se justifica seja o gado bovino mantido em plano secundário. Muito ao contrário, importa se lhe dê igual importância que aos "Novo Mundo", aos "Caturra" etc. Pois, prestando-lhe a atenção e os cuidados merecidos, dê-se consegue lucro compensador, capaz de cobrir eventuais quedas no rendimento do café.

A economia dessas fazendas está ligada, tanto ao gado como ao pé de café. Porque, se, sob o ponto de vista do aproveitamento econômico das terras, a baixa produtividade da plantação redunde em prejuízo, o mesmo acontece mantendo-se nos pastos

animais sem a necessária fertilidade, com uma produção leiteira ridícula e, ainda, tardios no desenvolvimento e engorda. A situação mais se agrava pela indesejável perpetuação da rotina que, impedindo se tome conhecimento da queda vertical e progressiva dos recursos naturais e dos meios práticos para evitá-la, coloca os rebanhos sob a ameaça do aniquilamento pela fome. Embora o reverdecer anual do pasto pareça desmentir a existência de tão grave perspectiva, a volta cíclica da seca continua acarretando, ano após ano, crescentes prejuízos à economia nacional.

Dentre as medidas práticas ao alcance de todos e capazes de prevenir tal conjuntura, destacam-se:

- a) O melhoramento genético do rebanho, independentemente da especialização zootécnica;
- b) A "mineralização" completa e sistemática dos animais;
- c) A suplementação alimentar com concentrados protéicos, vitamínicos e minerais, na época da "seca";
- d) O melhoramento e rotação das pastagens;
- e) Medidas específicas para cada caso, recomendadas por especialistas, após estudo acurado do problema.

Uma última vantagem que desejamos lembrar, de benéfica repercussão no desenvolvimento do trabalho nas fazendas, é a predisposição para bem começar e conduzir qualquer atividade, adquirida graças ao hábito de aplicação dos métodos racionais de criação. Assim, temos observado que os avicultores e pecuaristas adiantados, quando deliberam se dedicar também à cafeicultura, o fazem dentro da mais apurada técnica agrônômica e se destacam pela qualidade e rendimento de suas plantações.

Esperamos que estas breves considerações sejam bem interpretadas pelos cafeicultores ainda não convencidos da necessidade urgente de dar atenção devida aos rebanhos e esperamos também que se proponham, em seu próprio interesse e em benefício da economia da Nação, a romper de vez a rotina.